

Papo de Política: uma ponte entre o público e as fontes¹

Ruth de Lima Scheffler²

Marcelo Kischinhevsky³

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo

Este trabalho se dedica a discutir o papel das fontes na organização e na estrutura do podcast Papo de Política, produzido pelo grupo Globo. Em vigência na podosfera entre 2019 e 2022, o projeto adota o formato de debate e tem como proposta trazer semanalmente bastidores e análises do noticiário político. Para atendermos aos objetivos da pesquisa, utilizamos como metodologia a Análise Audioestrutural do Podcast (Silva, 2022). Os resultados destacam a importância das fontes para a construção da identidade do podcast e levantam questões acerca da recepção das fontes pelo público e o impacto da remediação no consumo do conteúdo.

Palavra-chave: streaming; podcasts; mídias sonoras; fontes.

O podcast jornalístico tem se firmado como uma linguagem híbrida e dinâmica no cenário da mídia digital. Neste contexto, o presente trabalho investiga o papel das fontes na construção narrativa do Papo de Política, programa do Grupo Globo. Parte-se da pergunta: como as fontes contribuem para a estrutura do podcast? A hipótese é que a curadoria das fontes exerce papel central na identidade narrativa do formato (Silva, 2022). Para analisar essa questão, adota-se a Análise Audioestrutural do Podcast (AAP), proposta por Silva (2022), como ferramenta para investigar a organização interna e a dinâmica informativa do programa.

Segundo a descrição na plataforma do Spotify, o programa é apresentado como “uma conversa sobre os destaques da semana, bastidores do poder e o que vem por aí na política e na economia” (Papo de Política, 2024)⁴. O estudo descreve o objeto com base nas 11 categorias da AAP (Silva, 2022), como estrutura, apresentação, circulação,

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Audiovisual e Mídias Sonoras, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em maio de 2025 em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: rlimascheffler@gmail.com.

³ Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: marcelo.kisch@eco.ufrj.br.

⁴ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0VtLrTZ1gOdbgyXyMByLut?si=1a410de0348b4f4a>. Acesso em: 8 jul. 2024.

periodicidade e design. Também são utilizados materiais institucionais e entrevistas complementares.

O *corpus* da pesquisa constitui-se por quatro episódios do programa, veiculados durante o seu período de vigência, ou seja, entre 2019 e 2022, selecionados aleatoriamente por meio de sorteio online. Foram desconsideradas edições que apresentavam a ausência de duas ou mais integrantes do núcleo original ou que abordavam temáticas especiais, como retrospectivas e homenagens. Considerando o interesse da pesquisadora pela atuação de agentes externos ao grupo fixo, optou-se, em 2019, pela inclusão de um episódio com participação de uma convidada. Esse ano concentrou o maior número de episódios válidos segundo os critérios estabelecidos.

O estudo abrange ainda a interseção entre gênero, política e mídia (Biroli; Miguel, 2008; Dias *et al.*, 2020), e trata a noção de fonte a partir das contribuições de Pinto (2000), Schmitz (2011), Kischinhevsky e Chagas (2017) e Chagas (2020) entre outros.

O Papo

Quem ouve o Papo de Política se depara, logo na vinheta, com falas de figuras centrais da política brasileira contemporânea. Apesar de serem personagens principais em vários episódios, a condução da narrativa do programa é feita pelas vozes de Natuza Nery, Andréia Sadi, Julia Duailibi e Maju Coutinho, jornalistas que compartilham com o público os bastidores do poder e suas análises sobre as notícias na economia e na política.

A ideia do podcast nasceu a partir do desejo de um produto conversado, conduzido por mulheres. Segundo Natuza Nery, a ideia partiu da editora-chefe Daniela Abreu, levando à formação espontânea do quarteto. “Este não é um projeto apenas profissional. É um projeto de vida”, explicou a apresentadora do programa ao UOL (Nery, 2021)⁵. Em entrevista ao jornal Extra, Andréia Sadi reforça a importância da sintonia entre as participantes: “O entrosamento entre quatro mulheres que são

⁵ Disponível em:

<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/natuza-neri-encara-guerra-contra-tempo-e-muito-telefone-para-coloar-programa-no-ar-64242?cpid=txt>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

profissionais, amigas e complementares na apuração faz o Papo ficar redondo” (Sadi, 2020)⁶.

Outro fator que impulsiona o sucesso do podcast é o reconhecimento prévio das jornalistas. Tanto Sadi quanto Nery participaram do quadro Meninas do Jô, no programa de Jô Soares, pioneiro ao dar visibilidade às mulheres na cobertura política televisiva (Carneiro; Venaglia, 2022)⁷. Esse reconhecimento pode ser compreendido a partir do conceito de capital simbólico, de Bourdieu (2004), que diz respeito à reputação e ao prestígio capazes de gerar legitimidade em determinado campo. No caso do Papo de Política, o capital simbólico das jornalistas fortalece sua autoridade e contribui para a recepção do público.

Contudo, o protagonismo feminino na editoria política ainda enfrenta desafios. É possível citar, por exemplo, os riscos envolvendo a violência online. A esse respeito, o relatório *The Chilling: A Global Study of Online Violence Against Women Journalists*, do Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ), publicado em 2022, alerta que 44% das entrevistadas afirmam: cobrir política e eleições é um gatilho para assédio online (ICFJ, 2022, p. 66). O tema é o segundo mais associado a esse tipo de ataque. “Quando as vozes das jornalistas são silenciadas dessa forma, também são silenciadas as vozes de suas fontes. A liberdade de imprensa é ameaçada e a deliberação democrática é erodida”, realça o documento (ICFJ, 2022, p. 84, tradução nossa).

Continuando na intersecção entre gênero, política e mídia, Biroli e Miguel (2008) ressaltam o mecanismo de desvalorização do discurso no interior do campo político por qualidades que tendem a ser associadas à fala feminina. A emotividade é uma delas. Para os autores, reconhecer diferentes perspectivas políticas é essencial para garantir pluralidade e objetividade na mídia. (Biroli; Miguel, 2008).

Mas esses princípios nem sempre nortearam a imprensa brasileira. Nos anos 1940, os jornais funcionavam como instrumentos políticos e eram muitas vezes financiados por grupos de interesse (Ribeiro, 2003 *apud* Dias *et al.*, 2020 p. 4). A neutralidade jornalística só foi consolidada nos anos 1950, com influências norte-americanas (Ribeiro, 2003 *apud* Dias *et al.*, 2020 p. 4). Após a ditadura, o cenário

⁶ Disponível em:

<https://extra.globo.com/mulher/andrea-sadi-julia-duailibi-natuza-nerly-maju-levam-papo-de-politica-para-tv-mos-tram-forca-das-mulheres-no-debate-rv1-1-24684324.html>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

⁷ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/08/05/natuza-nerly-meninas-do-jo-soares.htm>. Acesso em: 07 mai. 2024.

foi propício para que a imprensa expandisse seus compromissos com o interesse público e reconfigurasse o relacionamento com a democratização (Matos, 2016 *apud* Dias *et al.*, 2020, p. 4). Nesse contexto, a reportagem política passou a ser vista como um serviço fundamental de orientação e informação para o público, dado que se liga diretamente à ação administrativa do poder público e aos interesses que afetam a vida de todos (Beltrão, 1969 *apud* Dias *et al.*, 2020, p.5).

Com a inclusão de novos atores (Dias *et al.*, 2020) — como as mulheres — o jornalismo passou a incorporar novas perspectivas e reformulações. Ele deixou de “gravitar exclusivamente em torno da órbita política, correspondendo a outras demandas sociais” (Melo, 2008, p. 91). Além disso, advém da nova identidade assumida pelo jornalismo político: a de especialização. Isso significa que os profissionais passam a trabalhar menos com “um saber técnico (...) e mais um saber plural” (Seabra, 2006 *apud* Melo, 2008, p. 92). O autor também destaca que a popularização da internet levou o jornalismo político a se reinventar, lembrando a imprensa em seus primórdios, “quando uma profusão de folhas alimentava o debate político e desancava a segurança dos poderosos” (Seabra, 2006 *apud* Melo, 2008, p. 92).

Em meio à atual conjuntura, destaca-se o desafio de estabelecer pontes entre os fatos políticos e o público — contexto no qual o Papo de Política também atua como agente de sensibilização e construção da notícia. Sant’Anna (2009 *apud* Silva, 2022, p. 40) associa essa função a mídias como rádio, jornal e televisão, por serem tradicionalmente percebidas como fontes de informação. Silva (2022) amplia essa perspectiva ao incluir os podcasts. Na tentativa de compreender o conceito de fonte na mídia sonora, a pesquisadora questiona: o que são fontes? Tal indagação orienta a delimitação do escopo adotado e suscita outra inquietação: por que analisar as fontes do programa que é objeto deste trabalho? A próxima seção se dedica a essa discussão.

Por que analisar as fontes?

A origem da utilização do termo “fonte” remete a um lugar onde nasce água fresca, a origem da vida, local até onde alguém vai para coletar algo (Chagas, 2020). No caso do jornalismo, esse algo é a notícia, a informação. A respeito da comparação, Neveu (2006 *apud* Chagas, 2020, p. 3) destaca: “Se uma metáfora aquática pode fazer

sentido, é a de jornalistas submersos num dilúvio de informações oferecidas pelas fontes”.

Essa vastidão pode ser ainda complementada pelo que propõe Traquina (2005). Para ele, “qualquer pessoa pode ser uma fonte de informação, sendo essa, aquela que o jornalista observa, entrevista ou busca dados que auxiliem a complementar ou construir uma notícia” (Traquina, 2005 *apud* Chagas, 2020, p. 3). Já Schmitz (2011) diferencia as fontes de informação, que são acessíveis a todos, das fontes da notícia, cuja mediação ocorre por meio do jornalista.

Mediante esse cenário, a escolha das fontes e das vozes que constroem e complementam a programação é inerente à produção jornalística. Chagas (2020) defende que esse mecanismo, embora naturalizado na prática e na teoria, precisa ser problematizado, dado seu impacto sobre a narrativa construída. Para Chaparro, as fontes “inferem e transformam o cotidiano, sendo um canal para interação com o ouvinte/leitor/telespectador” (Chaparro, 1994 *apud* Silva, 2022, p. 38).

Pinto (2000) acrescenta que as fontes agem com intencionalidade e estratégias, representando interesses diversos, o que exige atenção por parte dos jornalistas. Essas fontes podem ser pessoas, instituições, dados ou documentos, todos inseridos em contextos sociais e históricos específicos.

No caso dos podcasts, Silva (2022, p. 38) observa que essas fontes “estão imersas em uma dinâmica social, informacional e de produção tecnológica para atender os interesses daquilo que será noticiado”. Ademais, o meio digital amplia o alcance das fontes e permite novas formas de interação, o que, segundo Rutilli (*apud* Silva, 2022, 39), é intensificado pela convergência midiática.

Nesse ínterim, o ciberespaço se estabelece como ambiente relevante de aproximação entre jornalistas e fontes. Chagas (2017) e Canavilhas e Ivars-Nicolás (2012) identificam uma resignificação das relações com as fontes, que passam a ser usadas também como elementos narrativos, influenciando a construção da notícia e a percepção dos acontecimentos.

O jornalismo produzido no contexto de rádio expandido (Kischinhevsky, 2016) e hipermidiático (Lopez, 2010) também está arraigado a essas transformações, conforme explica Chagas (2020). Isso torna possível ampliar a proposta do autor e afirmar que os podcasts jornalísticos, da mesma forma, são envolvidos por “características clássicas e

essenciais de reconhecimento do meio e de atualização das informações e do próprio processo produtivo que compõem suas formas de trabalho nos três canais apresentados no processo de *gatekeeping*: as fontes, a mídia e a audiência” (Chagas, 2020, p. 6).

Nesse sentido, a confiabilidade das fontes e a facilidade de acesso tornam-se preponderantes para a seleção de vozes no jornalismo. Isso leva à chamada hierarquia da credibilidade (Traquina, 2005), a qual, segundo Chagas (2020), pode gerar dependência das fontes oficiais. Por isso, o autor aponta para a necessidade de valorização de fontes populares que tragam novas perspectivas para o debate público, promovendo um jornalismo mais diverso e representativo. Acerca desse processo, Kischinhevsky e Chagas (2017) ressaltam a necessidade de uma perspectiva que vá além do pluralismo:

A construção da notícia demanda a escuta de fontes que possam confrontar diferentes opiniões e assim fornecer informações que agreguem os diversos interesses particulares para a busca do interesse público. Isso pressupõe reconhecer a possibilidade de fontes populares que também interpretem os acontecimentos políticos, econômicos, de segurança pública, em toda a sua ressonância. Também é permitir que a interpretação e o comentário acerca do noticiário possam partir de pessoas que não representem somente o Estado, instituições, empresas ou especialistas, agregando setores da sociedade civil organizada e cidadãos comuns, capazes de relacionar seu cotidiano aos debates públicos que encontram lugar no jornalismo. (Kischinhevsky; Chagas, 2017, p. 121)

Tendo em vista o exposto, a análise das fontes utilizadas no podcast Papo de Política se justifica pela necessidade de compreensão de questões relacionadas à seleção desses agentes dentro de um contexto marcado tanto pelas características específicas do podcast quanto pela rápida velocidade do fluxo informativo.

Principais resultados

Lançado em 2019, o Papo de Política inseriu-se na terceira fase da podosfera (Kischinhevsky, 2024), e se destacou por ser conduzido por quatro mulheres – Natuza Nery, Julia Duailibi, Andréia Sadi e Maju Coutinho – num espaço tradicionalmente dominado por vozes masculinas.

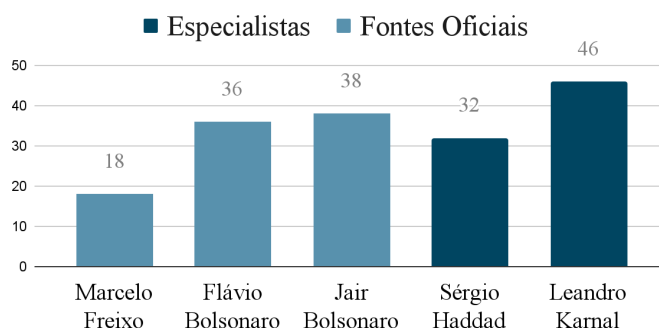
Com estrutura de debate e ancoragem principal de Natuza Nery, o podcast não adotou temporadas nem divisão rígida em blocos, com episódios semanais entre 25 e 40

minutos. Classificado como de durabilidade média⁸, teve distribuição em multiplataformas e consumo sob demanda. No quesito design, o projeto manteve a vinheta original desde o início. O visual também seguiu uma linha semelhante, com a mesma capa para todos os episódios.

Não foram identificados anúncios nos episódios analisados, e a participação dos ouvintes foi espontânea simples, sem interferência na programação. Em outubro de 2020, o programa passou a ter versão audiovisual, alterando sua lógica de produção e consumo. Apesar da tentativa de manter trechos exclusivos nas plataformas de áudio, o formato pode ser considerado como remediado. A partir do episódio #39, ampliou-se a diversidade de convidados, reforçando o caráter dialógico da narrativa.

As fontes aparecem de formas variadas no programa. No gráfico a seguir, é possível ter uma dimensão do tempo das fala de cada uma delas através das sonoras acionadas ao longo do episódio de número 17 (EP#17), publicado em 2019.

Gráfico 1: Tempo de fala em segundos (#EP17)



Fonte: Elaboração da autora, 2024

As fontes analisadas na edição em questão podem ser agrupadas em dois eixos principais. Entre as explicitadas no programa, predominam as fontes oficiais (4). São exemplos o então presidente Jair Bolsonaro e parlamentares, como o senador Flávio Bolsonaro e o deputado Marcelo Freixo, filiados à época ao Partido Social Liberal (PSL) e ao Partido Socialista (PSOL), respectivamente, além de seus representantes. Observa-se ainda a presença de especialistas (3), incluindo o defensor público

⁸ Conforme prevê a AAP, “para embasar a categoria 'duração' e as unidades de classificação, apoiou-se no Anexo I do Decreto n°. 4.121, de 07 de fevereiro de 2002, da Agência Nacional do Cinema (ANCINE), para definição da durabilidade dos podcasts, considerando as produções videofonográficas em curta (igual ou inferior a 15 minutos), média (superior a 15 minutos ou inferior a 70 minutos) e longa (duração superior a 70 minutos)” (Silva, 2022, p. 68).

Alexandre Kaiser e os filósofos Sérgio Haddad e Leandro Karnal, o que evidencia o esforço de contextualização e aprofundamento. Há também o uso de fontes documentais (3), conforme Schmitz (2011), como a Constituição, o relatório do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro e a pesquisa Datafolha. Outro destaque são as fontes ocultas e indefinidas, relevantes no jornalismo político.

No episódio #31, divulgado em 2020, prevalecem fontes oficiais (6), entre elas, candidatos às eleições municipais daquele ano, como João Campos, representante do Partido Socialista Brasileiro (PSB) em Pernambuco, e coordenadores de campanha no contexto paulistano: Elsinho Mouco, marqueteiro de Celso Russomanno (Republicanos); Chico Malfitani, coordenador da chapa Boulos-Erundina (PSOL); e Aparecido L. Silva (Cidão), secretário de comunicação do Partido dos Trabalhadores (PT) em São Paulo. Citam-se ainda autoridades como ACM Neto, ex-governador da Bahia e então filiado ao partido Democratas (DEM). Também se destaca a presença de uma especialista, Talita Tanscheit, doutora e mestre em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). Quanto às fontes documentais, mencionam-se 18 pesquisas do Ibope e publicações em redes sociais (1), prática também observada no episódio #17.

No episódio #90, lançado em 2021, as fontes foram majoritariamente identificadas por cargos, partidos ou vínculos institucionais, com expressões como “líderes”, “parlamentares” e “ministros”, “interlocutores” e “entorno”, em referência a Lula, Alckmin e Moro, no cenário de pré-campanha das eleições para presidência da República de 2022. Foram mencionadas ainda falas de Lira (2), então presidente da Câmara dos Deputados; Flávio Bolsonaro (1); e André Mendonça (1), recém-aprovado pelo Senado para o Supremo Tribunal Federal (STF). Também são citadas instituições públicas (3), como a Polícia Federal. Entre as fontes documentais, destacou-se ainda uma postagem de Moro nas redes sociais.

Já no episódio #105, de 2022, predominam fontes anônimas, embora indícios como vínculo com partidos e proximidade com figuras públicas tenham permitido classificá-las como fontes oficiais (9). Deu-se destaque a nomes como João Dória e Eduardo Leite, personagens centrais em disputas internas pela candidatura presidencial no Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), além de Sérgio Moro, que buscava um novo caminho político no União Brasil sob influência de Luciano Bivar, presidente

do partido, em sua corrida presidencial. Foram citadas também duas fontes documentais: o estatuto do União Brasil e a nota sobre a filiação de Moro.

Além disso, vale ressaltar que, embora os comentaristas e colegas convidados não se enquadrem propriamente como fontes jornalísticas (Kischinhevsky; Chagas, 2017), contribuem com informações exclusivas, como no caso da repórter Camila Bonfim, enriquecendo o debate.

Considerações

A partir do exposto, confirmou-se a hipótese inicial de que a curadoria de fontes é parte fundamental da construção narrativa do Papo de Política. Observou-se a predominância de fontes oficiais e especialistas, bem como o uso de fontes documentais. Entretanto, um achado central foi a recorrente utilização de declarações em *off*, sem identificação dos autores, que apesar de ser uma ferramenta crucial para a apuração e responsabilização dos poderes, levanta questões sobre transparência e credibilidade na imprensa. A pesquisa também revelou uma baixa diversificação de gênero e a carência de vozes populares nos episódios analisados, com Talita Tanscheit sendo a única fonte feminina explicitamente identificada.

Destaca-se ainda que o podcast se posicionou como um diferencial no cenário midiático, estabelecendo-se como uma ponte entre os bastidores do poder e o público. O programa demonstra a adaptação do jornalismo em um ambiente de convergência midiática, mantendo princípios como a apuração e o interesse público. Contudo, permanecem em aberto questões sobre a recepção das fontes pelo público e o impacto da remediação no consumo, que podem ser aprofundadas em estudos futuros.

Referências

- BONINI, Tiziano. The ‘second age’ of podcasting: reframing podcasting as a new digital mass medium. **Quaderns del CAC**, n. 41, v. XVIII, p. 23–33, jul. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/43PzElk>>. Acesso em: 29 jan. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira & Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CHAGAS, Luan José Vaz. “O que não vem não é notícia”: a seleção das fontes em redes de radiojornalismo. **E-Compós**, [S. l.], v. 23, 2020. DOI: 10.30962/ec.2075. Disponível em: <<https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/2075>>. Acesso em: 17 mai. 2024.

CHAGAS, Luan José Vaz. Rádio expandido e o jornalismo: as redações radiofônicas na fase da multiplicidade da oferta. **Comunicologia**, v. 10, n. 1, p. 29–45, jan./jun. 2017. ISSN 1981-2132 29.

CANAVILHAS, João; IVARS-NICOLÁS, Begoña. Uso y credibilidad de fuentes periodísticas 2.0 en Portugal y España. **El profesional de la información**, v.21, n.1, 2012.

DIAS, Daniela Esperandio et al. A voz feminina no jornalismo de política: análise do podcast Papo de Política. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 43., 2020, Salvador. Anais eletrônicos. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2023. Disponível em: <<https://bit.ly/3HOihPC>>. Acesso em: 7 mai. 2024.

ICFJ. **The Chilling: A Global Study On Online Violence Against Women Journalists**. Washington, DC: ICFJ, 02 nov. 2022. Disponível em: <https://www.icfj.org/sites/default/files/2023-02/ICFJ%20Unesco_TheChilling_OnlineViolence.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; CHAGAS, Luã. Diversidade não é igual a pluralidade: proposta de categorização das fontes no radiojornalismo. **Galáxia (São Paulo)**, n. 36, p. 111–124, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, v. 1. 152p. 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Riscos à diversidade no ecossistema de podcasting na América latina. In: **ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2024, Niterói. Anais eletrônicos..., Galoá, 2024. Disponível em: <<http://bit.ly/43PWIGX>>. Acesso em: 3 jun. 2025.

LOPEZ, Débora Cristina. **Radiojornalismo Hipermediático: Tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência Tecnológica**. Covilhã: Labcom, 2010.

MELO, José Marques de. Jornalismo Político: Democracia, Cidadania, Anomia. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 15, n. 35, p. 90–94, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2008.35.4097. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/4097>>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. Gênero e política no jornalismo brasileiro. **Revista FAMECOS**, v. 15, n. 36, p. 24–39, 20 nov. 2008. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4412/3311>>. Acesso em: 7 mai. 2024.

PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade, Braga**, v. 14, n. 1–2, p. 277–294, 2000.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011. Disponível em: <https://www.faculdadeparque.edu.br/ebooks/Fontes_noticias.pdf>. Acesso em: 7 mai. 2024.

SILVA, Gessiela Nascimento da. **As fontes no podcast mamilos: Uma proposta de análise audioestrutural**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Imperatriz: Universidade Federal do Maranhão, 2022. Disponível em: <<https://tede.ufma.br/jspui/handle/tede/4052>>. Acesso em: 27 set. 2023.